

O saber cotidiano: a casa e a rua como lugares do conhecimento

O que mobiliza esta aula é a vida cotidiana, o significado da casa e da vida doméstica, da rua e do espaço público como conformadores de nosso conhecimento. São muitos os motivos que convergem para uma aposta nesses espaços do cotidiano. Tais motivos são movimentações expandidas ao campo do cotidiano, são as experiências e vivências desses lugares.

O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida. Para sentir o ar é preciso situar-se, meter-se numa certa perspectiva. No avião sabemos que o ar existe não só como coisa inefável, mas como força e densidade, já que é ele quem sustenta o aeroplano de várias toneladas que nos conduz em viagem rápida para onde desejamos. Do mesmo modo, para que se possa "ver" e "sentir" o espaço, torna-se necessário situar-se. (DA MATTA, 2000, p; 35).

O conhecimento pode estar na rua? Num espaço não institucionalizado?

A rua, este espaço externo a nossa casa, possibilita identificar a dimensão da vida cotidiana: o percurso para a escola, para o trabalho, para o lazer. A rua representa a espacialidade das relações sociais, o lugar dos encontros e trocas. Para muitos, a rua é simplesmente passagem, lugar de contato rápido, enquanto outros servem da rua mais que um itinerário, muitas vezes como lugar de trabalho e extensão dos espaços domésticos. Da Matta (2000, p.15) aborda a casa e a rua como categorias sociológicas, não como oposição absoluta. Para ele, a casa e a rua se reproduzem mutuamente, pois também na rua há espaços ocupados no sentido da casa, extensões da vida íntima e doméstica, onde determinados grupos sociais vivem como "se estivessem em casa". O que nos motiva aqui é estudar a rua e o fato de que ela admite as *diferenças*. A rua nos revela temporalidades e a cultura de um lugar, um espaço em latência.

Segundo Teixeira Coelho (2007, p.119), "o espaço público é a construção social de processo de elaboração mais próxima do processo de elaboração da arte que se pode imaginar."

Da Matta (2000, p.15), em seu livro *A Casa & a Rua*, trabalha Casa e Rua como duas "categorias sociológicas", como já foi mencionado acima. E, é importante esclarecer o que significa essa expressão:

Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de possibilidade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

Para situarmos melhor a problemática da função das ruas, devemos ressaltar que à medida que o processo de modernização foi se desenvolvendo, ocorreu uma certa supressão do espaço público. A interferência que os automóveis passaram a exercer, a partir do início do século XX, nas vias públicas, determinou a rua como um espaço cada vez mais de passagem e da não permanência. É importante observarmos que conhecemos as ruas cada vez mais dentro de veículos, o que bloqueia cada vez mais nossos sentidos, percepção e olhar.

Recorrendo as idéias de Sennett (1993, p.28):

(...) as ruas da cidade adquirem então uma função peculiar: permitir a movimentação; se elas constroem demais a movimentação, por meio de semáforos, contramão etc., os motoristas se zangam ou ficam nervosos (...).

Em sua análise, Sennett (1993, p.32) afirma que o ser humano moderno perdeu a oportunidade da experimentação que as ruas lhe ofereciam por trocar o simples caminhar pela correria dos automóveis.

Isso justifica a criação de instituições que, além de gerenciarem a vida da sociedade, legitimam ações movidas pela racionalidade, o que determina intensamente uma vida programada: escola, casa, trabalho, lazer.

Não vamos adentrar aqui numa série de rupturas que a 'modernidade' inicia; seu interminável processo de interrupções, fragmentações e arranjos espaciais para o encaixe de seu modelo econômico e funcional.

Como já apontado, lidamos com vários interesses e forças, o que nos instiga a considerarmos que tipo de interesses e forças que estão em questão. No entanto, por ora, falamos de uma condição que, se não nos é explícita, ao menos fica exposta: como as pessoas se apropriam dos espaços público e privado. O foco de interesse é o alargamento da experiência e apropriação dos espaços, tanto doméstico quanto público, a rua.

Como enunciado no início dessa aula os espaços da casa e da rua são lugares não institucionalizados como lugares do conhecimento. Esmiucemos então o que temos anunciado; no cotidiano, aqui colocado como casa e rua, ocorre um certo alargamento das experiências, ainda que momentâneo. A rua promove um movimento adverso à estagnação, e gera uma dinâmica interna em que os deslocamentos são possíveis.

Para ampliarmos nosso posicionamento, utilizaremos principalmente as idéias do autor *Georges Perec* (veja mais sobre este autor na referência bibliográfica). No Livro "Espécies de Espacos", o autor explicita, através da escrita, trabalhos práticos que descortinam nosso olhar para a rua e vida cotidiana e aponta uma maneira, uma saída para experienciarmos este lugar latente que é o cotidiano da rua. Vejamos o que diz:

Trabalhos práticos

- *Observar a rua de vez em quando, talvez um cuidado um pouco sistemático. Aplicar-se. Tome o seu tempo.*

- *Anote o que você vê, o que é importante. Você sabe ver o que é importante? Há algo que lhe chame atenção?*
- *Nada nos chama a atenção. Não sabemos ver.*

Precisamos ir mais devagar, quase torpemente. Obrigar-se a escrever sobre o que não tem interesse, o que é mais evidente, o mais comum, o mais apagado.

A rua: Tratar de descrever a rua, de que é feita, para que serve. As pessoas nas ruas, os carros... Que tipo de carros? Imóveis: anotar se são confortáveis; distinguir entre os imóveis, casas e os edifícios oficiais, públicos. O comércio. O que se vende? Não há comércio de alimentação! Há! Sim! Existe uma padaria. Pergunte onde as pessoas do bairro fazem suas compras.

Obrigar-se a ver com mais sensibilidade.

Descobrir um ritmo: a passagem de carros: os carros que vêm embalados para cima ou para baixo da rua, estavam parados nos semáforos.

Contar os carros.

Olhar a placa dos carros. Distinguir os carros com a placa de Paris e os demais. (...)

“Ler o que está escrito na rua: bancas de jornal, anúncios, painéis de circulação, grafites, panfletos jogados no chão, rótulos do comércio. (...)”

“Decifrar uma peça da cidade. Seus circuitos Por que os ônibus vão de tal lugar a tal lugar? Quem elege os itinerários e em função de quê? (...)”

As pessoas na rua: de onde vêm? Para onde vão? Quem são?

Gente com pressa. Gente sem pressa. Pacotes. Cachorros: são os únicos animais visíveis. Não se vê pássaros – contudo sabemos que há pássaros- também não são ouvidos. Poderíamos ver um gato deslizando debaixo de um carro, mas na realidade isso não ocorre.

Total, não se preocupe.

Continuar.

Até que o lugar se faça improvável. Até ter a impressão, durante um brevíssimo instante, de estar em uma cidade estrangeira, ou melhor ainda, até entender o que acontece ou o que não acontece, que o lugar se converta em um lugar estrangeiro, e nem sequer sabem que isso é chamado de uma cidade, uma rua, uma casa, calçadas...

É interessante pensar que podemos fazer turismo dentro de nossas cidades. Esse olhar puro e aberto a enxergar as peculiaridades de um lugar. Será que conhecemos nossa cidade? Será que podemos conhecer toda uma cidade?

Perec nos alerta para a importância do caminhar, de observar a rua, o percurso, principalmente pela autonomia de poder escolher por e para onde ir. E, ao fazermos isso, nos apropriamos desse espaço público. Se percorremos as ruas e fazemos isso sem o carro, podemos criar pequenas rupturas na repetição cotidiana; somente quando percorremos a cidade nos surge a possibilidade de conhecê-la.

Certeau (2000, p.176) nos fala, de forma poética, da importância dos passos que chama de um estilo de apreensão táctil de apropriação cinética. O caminhar forma mapas urbanos,

transcrevem-se no espaço seus traços, moldam o espaço. O autor explicita a importância do percurso.

Tendo esse quadro da rua e da casa como lugares do conhecimento, podemos despertar o significado de cultura.

Se a rua é a espacialização da vida social, de certa forma podemos dizer que, mais do que o teatro, a música, a dança, o cerne da cultura estaria na feira, na praça, nas calçadas. Voltamos então na reflexão de Teixeira Coelho: a rua, antes de tudo, é o lugar de estudo das artes, que num outro momento iremos chamar de cultura e artes, pelas transposições poéticas feitas por cinema, teatro, dança, artes plásticas. Isso nada mais é que uma aproximação perceptiva-emotiva do espaço da rua; por este motivo ressaltamos a importância das ruas neste contexto. É preciso despertar o olhar e perceber o que está presente no urbano e doméstico, entendê-lo como lugar de conhecimento, estudo, observação e vivência.

Referências Bibliográficas

- 1- CERTEAU, Michael. *A Invenção do Cotidiano*: 1. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- 2- COELHO, Teixeira. *Guerras Culturais*. São Paulo: Iluminuras, 2007
- 3- DA MATTA, R. *A Casa & a Rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- 4- PEREC, Georges. *Especies de Espacios*. Trad. Jesús Camarero. 4. ed. Barcelona: Montesinos, 2004.

(Obs.: A aula 8 é um recorte do capítulo *La Calle* deste livro— p. 84- 90).

Dados do autor:

Georges Perec (7 de Março de 1936 — 3 de Março de 1982) foi um romancista, argumentista e ensaísta francês do século 20. Foi membro da *OuLiPo* (*Ouvroir de Littérature Potentielle*). Suas obras são escritas segundo regras baseadas tanto na literatura quanto na matemática. É considerado por muitos como o mais importante romancista francês do pós-Segunda Guerra Mundial.

Boa parte das novelas e ensaios escritos por Perec estão permeados de engenhosos jogos de palavras, exercícios de escrita constrangida e reflexões sobre a questão da categorização.

Georges Perec torna-se conhecido desde a publicação de seu primeiro romance, *Les Choses*. Uma história dos anos 60, publicada por Maurice Nadeau na coleção *Lettres Nouvelles* da editora Julliard. Esta obra que retrata um tempo na fronteira da sociedade de consumo.

Cf.: http://pt.wikipedia.org/wiki/Georges_Perec acessado em março de 2009.

- 5- SENNETT, R. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Filmes:

Asas do Desejo, *direção Win Wenderes*, 1987.
Caro diário, *direção Nanni Moretti*, 1994.
Cortina de Fumaça, *direção Wayne Wang e Paul Auster*, 1995.

Vídeos

Banquetes, *direção Louise Ganz e Breno Silva*, 2008.
Metros Quadrados, *direção Louise Ganz e Inês Linke*, 2007.